

FONTES PARA MIRAR OS RIOS PARNAÍBA E SÃO FRANCISCO SOB PERSPECTIVA DA HISTÓRIA AMBIENTAL

GERCINAIR SILVÉRIO GANDARA¹

Compreendo que por meio de uma análise comparada surgem novas formulações de questões e certos objetos poderão se apresentar como peças históricas comuns dos diferentes espaços regionais brasileiros. Compreendo, também, que o método científico de comparação permite enfrentar de maneira ordenada uma série de discussões, sejam as semelhanças, sejam as diferenças entre os elementos comparados. A análise comparativa permite, ainda, trazer à tona o que é peculiar a cada uma das configurações históricas de cada lugar. Seria preciso, pois, não ter medo de vasculhar a história ou de comparar diferenças históricas. Seria preciso experimentar. Assim sendo, propus uma pesquisa/pós-doutorado intitulado “RIOS E CIDADES-BEIRAS... UMA ANÁLISE COMPARADA (Remanso e Pilão Arcado/BA...Floriano e Parnaíba/PI – Século XIX – XX)”. Temporalmente os limites dessa pesquisa encontram-se dentre os séculos XIX e XX em conformidade com a história da navegação a vapor em ambos os rios e as cidades beiradeiras elencadas.

Numa segunda perspectiva investigo nesta pesquisa o rio São Francisco como espaço social vivido no contexto das transformações sócio-espaciais da Bahia, comparando-o com o rio Parnaíba² e, conseqüentemente, com o Piauí. Minha pretensão aqui é apresentar e discutir as diferentes fontes condizentes com as abordagens da História Ambiental, para mirar os rios Parnaíba e São Francisco. Há uma pluralidade de fontes de natureza técnica, literária e historiográfica disponível. Entre elas, influenciam e contagiam nosso acervo documental, os memorialistas. Sertanistas, navegantes, ribeirinhos, pescadores entre outros, com suas façanhas descritas, narradas e ampliadas na transmissão oral, constituem nossas fontes orais. Os relatos de viajantes, romances, poesias, crônicas, lendas se apresentaram fontes inesgotáveis para conhecermos o processo sócio-cultural dos rios e seus vales. Tanto documentos oficiais quanto documentos iconográficos e cartográficos constituídos por fotografias e mapas como

¹ Universidade Estadual de Goiás. Pós-doutoranda PNPd/CAPES/UFG. Doutora em História Social pela Universidade de Brasília (2008). Beneficiário Capes. E-mail: gercinair@msn.com

² Objeto da minha tese de doutorado “Rio Parnaíba... Cidades-Beira (1850-1950) defendida em 2008.

imagem visual e gráfica nos permitem uma visualização completa do curso dos rios. As “cidades-beira” pela importância que assumem ao longo dos rios se destacam como fontes privilegiadas e imprescindíveis. Destarte busco compreender as influências que ambos os rios e a navegação em fase promissora em seus dorsos exerceu na vida cotidiana urbana, política e administrativa das/nas cidades que lhes margeiam³. Os exemplos recolhidos de outros estudos de rios estão sendo particularmente preciosos. Vale dizer que me utilizo de investigações, fontes e imagens sobre diferentes espaços líquidos. Para Lucien Febvre, o rio com suas imagens, suas histórias, onde e como aparece nos documentos trata-se de uma construção humana. Em *O Reno*, diz que no exato momento em que se pronuncia esse breve nome o homem de hoje sente brotar em si mesmo uma imagem. E enfatiza: "sobre a página em branco de sua memória perfila-se, com uma nitidez singular, o traçado de um grande rio histórico..." (FEBVRE, 2000, p.71).

Algumas categorias, preocupações conceituais e metodológicas estão sendo necessárias para reunir aportes mais consistentes e fundamentais para o trabalho de pesquisa e sua análise. Para tanto, eu retomei a idéia, já várias vezes invocada, que o espaço geográfico é *locus* de co-existência do diverso, natureza e cultura ao mesmo tempo, lugar dessa contigüidade característica que é o espaço nosso de cada dia. Também considero além dos contornos geográficos os contornos simbólicos do Rio São Francisco contrastando-os com os contornos simbólicos do rio Parnaíba. No desenvolvimento de um determinado espaço vivido estabelece-se uma relação gradual entre o indivíduo e o mundo. O espaço geográfico percebido e vivido torna-se, um espaço social, se integra à comunidade e passa a fazer parte de uma experiência. É preciso considerar que a geograficidade vai além das condições naturais uma vez que a natureza faz parte da materialidade que constitui o espaço geográfico. É, pois, preciso recuperar a dimensão material, ou seja, a geograficidade da paisagem parnaibana e são franciscana, sobretudo, num momento em que se dá cada vez mais importância à dimensão simbólica, quase sempre de modo unilateral, como se o simbólico opusesse ao material. A indivisibilidade das dimensões material e simbólica propicia descrever a história do rio e o rio na história. Milton Santos (1996) insistiu nessa indivisibilidade

³ Remanso e Pilão Arcado/BA..Floriano e Parnaíba/PI

entre o material e o simbólico dizendo que o espaço geográfico “é um misto, um híbrido, formado da união indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. (SANTOS: 1996, p.234). . “Os sistemas de objetos, o espaço-materialidade, formam configurações territoriais, aonde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço”. (SANTOS: 1996, p.70). E ainda, que “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição social e do físico. Nesse sentido não há significações independentes dos objetos”. (SANTOS: 1996, p.234) .

Independentemente dos critérios que definem ou delimitam, sabemos que os espaços vividos são o principal suporte dos processos sócio-econômicos e culturais em cada período histórico, isso significa que eles são os próprios fundamentos da atividade humana. Destarte, o espaço geográfico se exprime em relações entre grupos sociais pelos quais se define uma sociedade, sendo, portanto, um produto social, segundo Isnard (1982). Os espaços sociais organizam-se no interior de limites que constituem linhas de equilíbrio entre eles. Assim, o espaço geográfico do vale parnaibano e são franciscano apresentam a característica de conter em si uma carga de grande significado. Em sentido amplo, a região em que se localizam os rios Parnaíba e São Francisco é por nós entendidas como um espaço, ou uma porção do espaço terrestre individualizado, logo identificável.

Os rios Parnaíba e São Francisco são traços expressivos da paisagem brasileira. São pontos de referência. Quanto a elementos naturais são determinantes na paisagem dos vales parnaibano e são franciscano. Quanto caminho/estrada marcou/marca a vida das pessoas, das coisas e do lugar. Entender suas histórias como espaços sociais e ambientais exige conhecer, recuperar e preservar as suas geograficidade, seus contornos, os vales, as bacias, os rios. Por tudo isso estou atenta a um referencial teórico que possa dar conta de uma compreensão mais elaborada da complexidade que se estabelece em torno de ambos espaços vividos sob a perspectiva da História Ambiental. Afinal, como diz Drummond, ao traçar as características metodológicas e analíticas da história ambiental, "quase todas as análises focalizam um região com alguma homogeneidade ou identidade natural: um território árido, o vale de um rio... [...]...que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos" (DRUMMOND,1991, p.09).

Desde a década de 1970, com o crescimento da preocupação com a questão ambiental, as relações entre sociedade e natureza passaram a preocupar um maior número de estudos na área de história. Pode-se dizer que o campo da história ambiental parece ter se instalado entre os objetos de interesse. Acredito, portanto, que ao eleger questões representadas pelo espaço dos rios e, também, das cidades expressamos a importância crescente que esta abordagem vem assumindo nos meios acadêmicos brasileiros que tratam de análises sob a ótica da história ambiental

Os rios são construtores de “mundos sociais”. Lugar onde as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação como terreno da criação cultural, passagem de forças e encontro dos indivíduos. Servem de baliza ou marco quase mítico para estratégias sócio-culturais. A categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas. Como já disse, a história ambiental leva em conta muitas questões, contudo, um dos seus eixos, talvez o principal, enquanto campo de pesquisa trata da forma como as pessoas, as sociedades humanas (comunidades) relacionaram/relacionam-se com os rios. Em termos bem simples trata-se da história das relações humanas com os elementos da natureza com seus limites e perspectivas como indicou Worster na década de 1980, "a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana". (WORSTER:1991, p.201). Assim pensando objetivei compreender as relações práticas e simbólicas da população ribeirinha com o rio São Francisco, suas estratégias de uso e manejo dos recursos naturais, nesse campo demarcado como História Ambiental.

Tanto o rio Parnaíba quanto o rio São Francisco foram vias regionais que transporta(va) mercadorias, pessoas, e conseqüentemente suas representações. Os vapores representavam desenvolvimento, meio precursor e animador, no sentido de levar as províncias, Bahia e Piauí, à prosperidade. Eram tidos como suporte material com função de ligar, unir espaços e gentes. Esta navegação manteve-se até o final da década de cinquenta do século XX.

O rio Parnaíba nasce nos contrafortes da Chapada das Mangabeiras, fronteira do Piauí com Tocantins, numa altitude de 709 metros. Corre do Sul para o Norte, separando o estado do Piauí do estado do Maranhão. Possui uma extensão de 1485 km, aproximadamente, seguindo a direção geral Sul-Norte, dividido em 3 cursos: alto,

médio e baixo. Antes de penetrar no Oceano Atlântico, no norte de Piauí com o Maranhão, forma um amplo e recortado delta, labirinto de água doce e salgada, chamado Delta do Parnaíba, com três braços do rio na saída do mar. O intermediário, com rumo geral norte, desemboca na Baía das Canárias e forma a divisa entre os estados do Piauí e Maranhão. O braço leste, chamado rio Iguaçú, desemboca no oceano junto à cidade de Luís Correia. O canal oeste, chamado rio Santa Rosa é o mais comprido subdividindo-se em vários braços, que formam diversas ilhas. As suas principais saídas para o mar são uma para a Barra do Carrapato e outra para Baía de Tutóia. O rio Parnaíba em todo seu percurso nos impressionou e avultou-se na escolha da temática para a tese de doutoramento. Ele é cheio de vida e nos incitou deslizar em seu leito histórico.

O rio São Francisco, Opará e/ou tão somente Velho Chico nasce na Serra da Canastra no estado de Minas Gerais aproximadamente 1200 metros de altitude, atravessa o Estado da Bahia, fazendo a divisa ao norte com Pernambuco, bem como, constituindo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas. Por fim, desagua no Oceano Atlântico. O rio São Francisco atravessa regiões com condições naturais das mais diversas. Abriga pelo menos cinco hidrelétricas. Ele, atualmente apresenta dois estirões navegáveis: o médio, com cerca de 1.371 km de extensão, entre Pirapora (MG) e Juazeiro(BA)/ Petrolina(PE) e o baixo com 208 km, entre Piranhas(AL) e a foz, no Oceano Atlântico. A área compreendida entre a fronteira Minas Gerais-Bahia e a cidade de Juazeiro(BA), representam 45% do vale. Como o rio Parnaíba ele nos incita deslizar em seu leito histórico. Exatamente por toda essa complexidade demonstrada que se faz necessário uma investigação aprofundada das condições humanas e ambientais oferecidas por tal cenário.

Desde que, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre conclamaram aos historiadores a saírem de seus gabinetes e farejarem “a carne humana” em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada e por quaisquer meios tanto a noção de documento quanto a de texto ampliaram-se. Também foi promovida uma interdisciplinaridade entre a história e as demais ciências humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos tipos de textos. Assim novos textos, tais como, a pintura, o cinema, a fotografia, "enfim as imagens foram incluídas no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador". (CARDOSO E

MAUAD: 1997, p.402). As imagens transmitem um testemunho privilegiado muito mais do que uma ilustração. Para Vovelle (1997, p.31) se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir-se dela.

Nos documentos iconográficos e cartográficos e a partir deles inserem-se o panorama cultural, e é por isso que eles devem ser examinados em suas combinações de elementos visuais e pelos efeitos que produzem. As informações são representadas de acordo com os símbolos, signos e cores que pode expressar a cultura, a técnica, a geografia e a ciência; e ainda reproduzir os mitos, a história, a ideologia e a política da época. Na primeira metade do século XIX, as missões científicas que percorreram o Brasil muitos subsídios trouxeram à cartografia da região. Destacam-se as contribuições de viajantes estrangeiros que navegaram e estudaram tanto o rio Parnaíba quanto o rio São Francisco. Conquanto, as imagens fotográficas e/ou cartográficas funcionam como documento, testemunho histórico que conforme Peter Burke “... constitui-se numa forma importante de evidencia histórica”. (BURKE: 2004, p.17). As fotografias interpretadas como imagem/mensagem exigem perceber que existe forma de comunicação mais profunda e menos advertida do que as verbais. Nelas existe uma gama variada de sistemas sógnicos que sendo fruto das relações sociais compõe o quadro cultural de uma sociedade. Assim compreendida, a fotografia deixa de ser uma imagem retida para se tornar uma mensagem que se processa como imagem/documento. As fotografias permitem a reconstituição histórica da paisagem que mostram os rios e as cidades em seu espaço vivido. Como diz Cardoso e Mauad, “a fotografia enquanto componente desta rede complicada de significações revela, através da produção da imagem, uma pista”. (CARDOSO E MAUAD: 1997, p.402).

Outras possibilidades de fontes são os documentos iconográficos e cartográficos constituídos por fotografias e mapas como imagem visual e gráfica que serão fundamentais nesse estudo, pois permite uma visualização completa do curso dos rios em estudo, além de propiciar distintas interpretações. Os mapas e as cartas segundo Vanessa Brasil (2005), são um poderoso instrumento de observação, uma fonte documental, cuja análise requer mais que o mero exercício de descrição de um quadro geográfico congelado no espaço físico. Os mapas podem refletir o momento histórico e o imaginário de uma determinada comunidade. As fotografias permitirão a reconstituição histórica da paisagem que mostrarão os rios em seus espaços vividos.

Além disso, as fontes imagéticas como a publicidade e os documentários cinematográficos, também, poderão ser utilizados como referências.

Procuramos reconhecer, nos relatos dos viajantes estrangeiros e nacionais, as relações tecidas entre a sociedade ribeirinha da região são franciscana e o meio ambiente. Os estudiosos dessa região, também, contribuirão para a realização desse trabalho, pois as narrativas, resultado de suas viagens, ao longo do rio abordam diversos aspectos imprescindíveis, para o entendimento de nossa pesquisa, além, é claro, da qualidade da relação homem e natureza. Elegemos os relatos dos viajantes estrangeiros: Saint-Hilaire, Richard Burton, George Gardner e Emmanuel Pholl. O segundo grupo é composto por: Donald Pierson, Orlando Carvalho, Geraldo Rocha, Vicente Licínio Cardoso e Wilson Lins. As fontes cartográficas e iconográficas também são contempladas, buscando encontrar nessa rica documentação, os tipos de reflexos deixados pelas cidades-beira, nas águas do rio São Francisco.

A arquitetura urbana das cidades optadas nos serve como documento que revelam os processos históricos e as relações dos vários segmentos sociais do espaço das cidades. Já o traçado da paisagem urbana fornece o planejamento das cidades e a influência dos rios sobre as mesmas. Estes componentes somados aos traçados dos arruamentos fornecem as molas propulsoras do crescimento e, conseqüentemente, suas influências nas cidades-beira.

Dentre as fontes escritas, destacamos aquelas tradicionalmente utilizadas pelos historiadores, assim como a literatura ficcional (romances, contos, poesia, música). Na literatura de ficção observam-se por meio de uma análise comparada os elementos do imaginário presente nas culturas locais. Nesse tipo de literatura observamos a construção de signos identificadores para uma análise comparativa e nas fontes iconográficas oficiais ou populares será possível investigar os mesmos elementos diferenciadores dos agentes sociais em inter-relação constante. Além disso, as fontes imagéticas como a publicidade e os documentários cinematográficos, também, são utilizados como referências nos resgate dos valores culturais e no resgate das influências exteriores e interiores dos surgimentos, crescimento e/ou ressurgimentos das cidades como um todo.

Além dos arquivos públicos e privados, aquelas fontes relativa a entrevistas, questionários e depoimentos com pessoas que vivenciaram a formação histórica das cidades e se relacionaram/relacionam, de uma forma ou de outra, com os rios Parnaíba e São Francisco. Estes depoimentos permitem a reconstituição de fatos que os arquivos públicos não conseguiram guardar. Enfim, as fontes orais são fundamentais na construção do trabalho, pois permitem e facilitam a análise de fatos, atos e situações que ora aparecerão nos documentos escritos ora não. As fontes orais são de grande valia para a construção do discurso histórico bem como para a incorporação dos indivíduos nessa construção. Entendo que muitas das problemáticas levantadas só poderão ser respondidas com pesquisa de campo junto aos beiradeiros combinando como diz Victor Leonardi (1999). Sertanistas, navegantes, beiradeiros, pescadores entre outros e suas façanhas narradas e ampliadas na transmissão oral, tomarão vulto, influenciando e contagiando nosso acervo documental.

Entre as fontes bibliográficas, destacamos aquelas escritas por memorialistas. Além dessas fontes, os jornais, os acervos paroquiais, os documentos cartoriais e de administração pública, além de documentação privada. Somem-se a essas fontes, referências bibliográficas diversas. Acrescenta-se a essa documentação, relatórios e obras não publicadas, tais como, relatórios de pesquisa, monografias e dissertações. Some-se a estes acervos, a documentação sobre os acontecimentos das regiões de cada cidade, presente em jornais da época e a de propriedade familiar, além, do próprio registro iconográfico já existente.

Vale dizer que nossa discussão teórica se origina de diferentes teses defendidas, no Brasil e no mundo, dentre as quais, os rios têm história, tem personalidade, e aquela que advoga a existência de outras margens e são expressas de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos. Assim para maior aprofundamento dessa pesquisa várias obras bibliográficas de outros rios nos dão subsídios. Baseamos, também, em obras bibliográficas teóricas diversas. Recorro também a outras fontes bibliográficas, tais como, obras memorialistas, romances e poesias. A literatura de viagem constitui fonte inesgotável de informações acerca do espaço em estudo e subsidiará o trabalho, seja de natureza técnica, literária, ou historiográfica. Outra fonte de apoio que dispõe um manancial de documentos

importantes e essenciais encontra-se publicado sob subscrição popular em forma de livro e outros disponibilizados em sites.

O espaço geográfico do curso de um rio , cuja atribuição histórica impregna-se de funções e sentidos, trata-se de um espaço social contínuo de materialidades extremamente refinadas, portadoras de infinitas plasticidades e representações. E essa é uma dimensão que aqui importa ser discutida para evidenciar a multiplicidade de sentidos dos rios São Francisco e Parnaíba. Sob o nosso ponto de vista, as representações dos rios são fortes e capazes de nos dar evocação viva das cenas. Entendemos que vigorando como modelo de representação e interpretação do mundo circundante de suas margens explicita sua lógica utilitarista e dominante das relações humanas. Daí a importância que estes cursos de águas apresentam à compreensão da história da região nordeste e, conseqüentemente, do Brasil. Ler um espaço assim é como diz Frémont, o despertar para uma arte do espaço “que só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens”. (FRÉMONT: 1980, p. 261). Conquanto, um espaço pode ser fonte de espacialidades, ou seja, manancial de recursos cuja produção deve ser o verdadeiro alvo de uma teoria social conotando objetos sócio-espaciais condizentes com as abordagens da História Ambiental. Neste sentido, está intrínseca a premissa que considera o espaço como dimensão sociocultural e ambiental e pode receber atributos, ser qualificado, moldado, organizado para se tornar um texto codificado pela disposição dos seus elementos e pela moldagem da materialidade que lhe é inerente. Enfim, pode ser instrumento e eixo da discussão histórica. Já a paisagem geográfica é um campo de significação sociocultural e, nos seus simulacros, pulsam, mesmo que debilmente, as contradições do imaginário que atribui à sua plasticidade o sentido de sua historicidade. Afinal, o real não é feito de coisas e/ou de imagens autênticas das coisas, mas, sim da relação que temos com elas. Destarte, o espaço-rio Parnaíba e São Francisco podem, além de fontes históricas que são, representar mensagem, mistério, paisagem. Afinal suas águas, como diz Bachelard, têm vida, corpo, voz, alma.